



CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (Org.). *El Patriarcado al Desnudo: tres feministas materialistas*. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005

*Mariana Ferreira Gonçalves*¹

*Simone Pereira Ferreira*²

* * *

O feminismo materialista consiste em uma das principais correntes do feminismo francês. Segundo Abreu (2018), setores do movimento feminista da ‘segunda onda’ recorreram ao marxismo para desenvolver suas teorizações. Neste período, muitas mulheres começaram a questionar a forma como a esquerda havia tematizado a chamada “questão feminina”. O pensamento materialista francês defende que os homens e as mulheres não são um grupo natural ou biológico e não são definidos pela cultura, tradição e ideologia, mas pelas relações sociais materiais, concretas e históricas.

El Patriarcado al Desnudo é um livro que traz três textos do pensamento feminista materialista francófono produzidos nas décadas de 1970 e 1980. Editado na língua espanhola pelo Coletivo Brecha Lésbica, foi traduzido para o português pelo SOS Corpo, Instituto Feminista para a Democracia.

O livro inicia-se com uma introdução escrita por Ochy Curiel e Jules Falquet; o texto serve como uma apresentação para os temas discutidos por Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. São escritos que, como Curiel e Falquet (2005) afirmam, funcionam como um antídoto ao essencialismo e naturalismo e são de grande importância na construção de uma teoria feminista e lésbica radical. Estes textos já questionavam a

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: marianaferreira.aluno@unipampa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5599-4637>.

² Doutora em Sensoriamento Remoto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: simonepferreira@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-5221>.

naturalização não apenas do gênero, mas do sexo também, antes de autoras como Judith Butler.

Em “Práctica del poder e idea de Naturaleza”, Colette Guillaumin indica que a ideologia naturalista legitima a apropriação das mulheres. Os grupos naturalizados tendem a se encontrar em uma relação desigual e são objeto de apropriação. A autora traça um paralelo entre a condição das mulheres, apropriadas fisicamente pelos homens, e dos escravos das plantações do século XVIII, apropriados como instrumentos de produção e reprodução. As mulheres são coisificadas e naturalizadas através de sexização, enquanto os escravos são coisificados e naturalizados através de racialização (considerando as escravas, sexizadas também), como consequência de um destino biológico.

Guillaumin reflete que a naturalização e coisificação das mulheres ocorre dentro de uma relação social específica, a *sexagem*, e entende que é fonte da nossa consciência, política e classe. A autora crê que essa é a relação que observamos na apropriação do corpo, do trabalho e do tempo de mulheres em benefício social e pessoal dos homens.

Já Paola Tabet, em seu artigo “Las manos, los instrumentos, las armas”, debate acerca das ferramentas de trabalho na gênese e desenvolvimento da divisão sexual do trabalho. Na maioria das sociedades, a divisão desigual do trabalho entre os sexos apoiou-se em um acesso distinto a ferramentas, armas e conhecimento. A manutenção da ignorância e o subequipamento técnico são a base da opressão das mulheres por parte dos homens. A autora esclarece o processo histórico de construção de uma desigualdade nas ferramentas de trabalho disponíveis às mulheres e aos homens. O subequipamento de mulheres ocorre desde as sociedades caçadoras até a sociedade industrializada como conhecemos.

O perfil histórico traçado por Tabet demonstra que a inferioridade do equipamento feminino é cognoscível desde a constituição das sociedades que viviam da coleta e da caça. Seus estudos indicam que mesmo para a

execução de atividades mais complexas as mulheres utilizavam instrumentos mais simples, rudimentares.

Por fim, tem-se o artigo “¿Identidad sexual/sexuada/ de sexo? Tres modos de conceptualización de la relación entre sexo y género” de Nicole-Claude Mathieu. Aqui a autora enfrenta a binaridade dos sexos e sua hierarquização e apresenta um esquema sobre como diferentes sociedades associam sexo, gênero e sexualidade. Como Curiel e Falquet (2005) reiteram, é um trabalho que torna visível um amplo leque de culturas ocidentais e não ocidentais, além de detalhar a lógica de diferentes subgrupos sociais.

Um dos exemplos empregados trata acerca da homossexualidade entre os Swahili de Mombasa. Ainda que seja relativamente tolerada entre o povo, há diferença em função do sexo: as mulheres devem ter passado por um casamento antes de viver como um casal homossexual e os homens, não. Mathieu entende que as transgressões da sexualidade, do gênero e do sexo não impedem que, inevitavelmente, a fêmea seja colocada na base da escala social.

Independente de concordância ou não com os conceitos expostos nos trabalhos aqui presentes, *El Patriarcado al Desnudo* se faz importante por facilitar a circulação de textos tão ricos e marcantes no movimento materialista francês. São escritos que certamente podem fundamentar os argumentos do movimento feminista brasileiro e propiciar a compreensão das relações sociais de sexo e de gênero e da situação social das mulheres.

Referências

ABREU, Maira. Feminismo materialista: socio-história de uma reflexão. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, 2018, p. 1-17.

Recebido em janeiro de 2021.
Aprovado em Julho de 2022.